

12ª edição



L . E . T . R . A . S

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

DF
L

SUPLEMENTO CULTURAL ANO I Nº 12 Brasília, 30 de junho de 1994

**Idéias,
Imagens,
palavras**



Encarte especial
Os poetas

Filomena

Clarice Lispector

A Hora da Estrela

□ Carlos Alberto dos Santos Abel

Clarice Lispector tem, nesse romance, **A hora da estrela**, um divisor de águas, profundas e opacas de um lado, do outro, profundas, porém, cristalinas. Com **A hora da estrela**, Clarice inicia uma nova face de sua carreira. Nascia uma nova e vigorosa escritora do povo, da realidade brasileira deste fim de século, com pessoas que reagem tipicamente diante dos acontecimentos do dia-a-dia da nossa sociedade — personagens comuns, vivendo situações comuns.

A solidão continua a ser sua grande preocupação. Na primeira fase (iniciada com **Perto do coração selvagem**), e das dores existenciais banais do pequeno-burguês, do não-sei-o-que-vou-fazer-da-minha-vida. Na segunda (apenas uma obra, **A hora da estrela**), a solidão dos proletários — real —, aguçada pelo morar mal, comer mal, vestir mal, ganhar mal, uma miséria concreta e objetiva, resultante de uma exploração consciente e organizada pela burguesia e pelo latifúndio.

A emoção é o condicionamento de toda a obra. A marcha do demiurgo, na direção do neo-realismo, era como a roda da história, não voltaria jamais. Teríamos, como disse Engels, a respeito de Balzac, mais uma vitória do realismo na literatura brasileira.

O título era **Humilhados e ofendidos**. Ficou pensativa, talvez tivesse, pela primeira vez, se definido numa classe social. Pensou, pensou e pensou! Chegou à conclusão que na verdade ninguém jamais a ofendera, tudo o que acontecia era porque as coisas são assim mesmo e não havia luta possível, para que lutar? (LISPECTOR, p. 48).

Na sua marcha para uma estrutura renovada, ela foi buscar, no macrocosmo brasileiro, um semovente para o seu microcosmo, representante de toda nossa miséria universal: uma nordestina, uma indesejada da sorte, pária dessa sociedade capitalista selvagem, injusta e desumana, onde o pauperismo é dividido autocráticamente — a maioria tem-no em doses maciças.

Volto à moça: o luxo que se dava era tomar um gole frio de café antes de dormir. Pagava o luxo tendo azia ao acordar (LISPECTOR, p. 41).

O drama de Macabéa é o comum da grande maioria da nossa população. Um "comum" que interessa, na medida em que é universal, espalhando-se por toda nossa realidade, um universal concreto e vívido, acontecendo no agora de todos esses deserdados.



Retrato de Clarice Lispector por Giorgio de Chirico

Pois que a vida é assim: aperta-se o botão e a vida acende. Só que ela não sabia qual era o botão de acender. Nem se dava conta de que vivia numa sociedade técnica onde ela era um parafuso dispensável (LISPECTOR, p. 36).

Macabéa, personagem, quase caricata, a empregada doméstica, a comerciária, a industriária ou a campesina, tipo servente da classe média, da burguesia e do latifúndio, moradora das casas humildes, dos barracos das favelas e dos cubículos. Bernard Shaw, sarcasta, concluiu que, no capitalismo, só ao pobre é permitido viver debaixo das pontes...

Clarice critica o mundo degradado. Vai-nos conduzindo pela vida sem esperança das Macabéas. **"Macabéa empalideceu: nunca lhe ocorreria que sua vida fora tão ruim"** (LISPECTOR, p. 86).

Clarice, através de um estilo personalíssimo, vai-nos trazendo informações acerca da protagonista. Verdadeiros achados. Te-

Volto à moça: O luxo que se dava era tomar um gole frio de café antes de dormir. Pagava o luxo tendo azia ao acordar

(LISPECTOR, p. 41)

regas da burguesia. Os desposuados, em **A hora da estrela**, ou aceitam passivamente tudo que lhes é imposto, ou passam a agir como os autênticos "picaretas", os picaros, os sobreviventes.

No mundo capitalista, os valores morais deteriorados, o picaro medra nesse caldo de cultura. Procura realizar-se, deseja sair da condição de servo, quer ser patrão, proprietário, quer tornar-se o açoitado dos seus iguais.

A solidão dos personagens avulta ainda pela dificuldade de comunicação. **"Ela falava, sim, mas era extremamente muda"** (LISPECTOR, p. 37).

O problema da comunicação torna-se mais chocante quando se encontram pessoas-ilhas dentro desse universo alienado: Macabéa e o doutor. Um diálogo de surdos. A ternura e a cupidez. O médico, **"Desatento"** (LISPECTOR, p. 77), detestava os pacientes, queria **"ter dinheiro para fazer exatamente o que queria: nada"** (LISPECTOR, p. 81).

Os personagens vivem uma existência medíocre, encarcerados dentro de si mesmos, aprisionados pela estagnação social, com horizontes curtos e paupérrimos, reforçando a alegoria da solidão, da alienação e da marginalização dessas criaturas.

A hora da estrela tem uma atmosfera quase irrespirável de miserabilidade trágica, de fatalismo irreparável — a realidade econômica, o elemento gerador de todos os conflitos. No seu caudal, envolve-se tudo, o interior e o exterior dos personagens...

O gênio do demiurgo traz-nos um fragmento de tempo, em um ambiente acanhado, com personagens mesquinhos, todo o conflito entre os seus egos, e os egos e o social, descerrando-se o painel de toda a realidade de nosso Brasil.

Contudo o que mais nos comove é a visão **humanista** de Clarice, o seu **humanismo**, grito de desespero contra a solidão e a alienação mutiladoras do indivíduo, a luta pelo homem integral, pela felicidade dos desposuados.

Em **A hora da estrela**, a criadora, defendendo a **humanidade**, coloca-se à frente, na vanguarda do proletariado. A sua ótica, a do grupo social amesquinhado, uma visão crítica da sociedade burguesa.

□ Carlos Alberto dos Santos Abel - Prof. de Literatura Brasileira na UNB - Doutor em Letras Vernáculas (Literatura Brasileira) pela UFRJ.

"O livro tem uma atmosfera quase irrespirável e miserabilidade trágica, de fatalismo irreparável a realidade econômica, o elemento gerador de todos os conflitos"